

COMISSÃO DE AQUISIÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA
RELATÓRIO E PROPOSTA 2024

1. Enquadramento

Tendo nas últimas duas décadas permanecido uma coleção fechada, a CACE - Coleção de Arte Contemporânea do Estado foi reaberta através do Despacho n.º 5186/2019, publicado no *Diário da República* n.º 101/2019, Série II, de 27 de maio de 2019, que determina a constituição de uma Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea (CAAC).

Atualmente, a CAAC está integrada na Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E, estando prevista no artigo 17.º dos Estatutos desta entidade do setor empresarial do Estado, aprovados pelo Decreto-Lei n.º 79/2023, de 4 de setembro. A sua missão é selecionar as obras de arte cuja incorporação na CACE - Coleção de Arte Contemporânea do Estado se revele fundamentalmente adequada.

No exercício destas competências, a CAAC deve apresentar ao Presidente do Conselho de Administração da Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E, um relatório que discrimine, designadamente, a seguinte informação:

- O elenco das obras de arte, cuja aquisição pelo Estado seja considerada relevante no ano económico, tendo por referência as disponibilidades orçamentais previstas para o programa de aquisição de arte contemporânea portuguesa do Estado;
- Elementos identificativos do autor e da obra de arte, bem como reprodução gráfica da mesma;
- Fundamentação técnica para a proposta de seleção de cada obra de arte, a qual terá em consideração, designadamente, o seu valor artístico e conceptual, bem como o potencial crítico, o diálogo com o panorama artístico contemporâneo, a experiência profissional do artista, a coerência com o acervo de arte contemporânea do Estado e a sua relevância da obra na internacionalização da arte portuguesa contemporânea;
- Estimativa de preço de cada obra de arte, com indicação dos pressupostos do respetivo cálculo.

O relatório é aprovado pelo conselho de administração da Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E., e homologado pelo membro do Governo responsável pela área da Cultura.

A Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea para o biénio 2023/2024, designada no Despacho n.º 619/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, de 12 de janeiro, definiu, nos termos do previsto no artigo 17.º dos Estatutos da Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E., aprovados pelo Decreto-Lei n.º 79/2023, de 4 de setembro.

A Comissão reuniu, semanal ou quinzenalmente, conforme a tabela constante do Anexo I ao presente relatório.

No decorrer das reuniões, os membros apresentaram as respetivas propostas, as quais foram objeto de contínua discussão crítica, sempre no sentido de que as mesmas respondessem aos critérios definidos nos objetivos do programa anual de aquisição de arte contemporânea plasmados nos Estatutos da Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E., tendo chegado a uma listagem final, que ora se apresenta, aprovada por todos os membros.

2. Proposta de aquisição

Tendo em consideração o montante determinado pelo Estado para aquisição de obras de arte contemporânea no ano de 2024 – € 800 000 –, a CAAC para o Biénio 2023/2024, composta pelos ora signatários, submete ao Conselho de Administração da Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E., a proposta de aquisição das obras identificadas no Anexo II ao presente Relatório, a qual, após aprovação, deve ser homologada pela Senhora Secretária de Estado da Cultura, nos termos do n.º 7 do artigo 17.º dos Estatutos da Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E., aprovados pelo Decreto-Lei n.º 79/2023, de 4 de setembro, do n.º 6 do artigo 28.º do Decreto-Lei n.º 32/2024, de 10 de maio, que aprova o regime de organização e funcionamento do XXIV Governo Constitucional, e da alínea a) do n.º 1 do Despacho n.º 6582/2024, de 12 de junho.

Anexo I
(a que se refere o ponto 1)

Reuniões da CAAC 2024

Mês	Dia
Fevereiro	28
Março	12
Março	26
Abril	29
Maiο	21
Junho	03
Junho	19
Julho	12

Anexo II

(a que se refere o n.º 1 do ponto 2 do Relatório)

ALBUQUERQUE MENDES [Trancoso, 1952]

***O Chegar da Verdade* | 2021-2022**

Descrição: Acrílico sobre tela | 200 x 160 cm

Valor de Aquisição: 24 600 €



Fundamentação: Albuquerque Mendes tem desenvolvido trabalhos, tanto plásticos como performativos, desde a década de setenta. Realizou a sua primeira exposição individual, em 1971, no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC) e integrou o Grupo Puzzle (1976-1981). A sua prática pictórica, sobretudo a partir dos anos 80/90, caracteriza-se de uma maneira geral pela narratividade, teatralidade e carácter reflexivo e diarístico da sua abordagem. Nesta pintura, *O Chegar da Verdade* (2021-2022), proposta para aquisição, e que pertence a um conjunto de trabalhos mais recentes do autor, Albuquerque Mendes joga, desde logo, com o título. A partir dele, cria uma expectativa que parece acontecer para logo se gorar. Aquelas personagens ali estão, espreitando, apontando para um fora de campo no qual parecemos estar incluídos por um daqueles indivíduos nos fitar. Mas também para um outro espaço mais vago para onde o olhar da primeira figura aponta. Para eles, o chegar da verdade nunca acontecerá, mas ficará assim sempre em potência, porque é de uma pintura que se trata.

ANDRÉ ROMÃO [Lisboa, 1984]

Calor | 2023

Descrição: Instalação composta por 5 peças | 400 x 300 cm

Valor de Aquisição: 36 000 €



Fundamentação: André Romão tem vindo a desenvolver um corpo de trabalho cada vez mais ancorado numa pesquisa em torno de ideias de hibridização e metamorfose, bem como de fluidez e horizontalidade, entre as noções de humano e animal, natural e artificial. O seu trabalho mais recente, mostrado na exposição individual “Calor”, que apresentou no Museu de Serralves, transporta-nos para um ambiente noturno, onírico e melancólico, habitado por sombras e presenças inquietantes, onde formas humanas, animais e vegetais se confundem e interagem, desafiando e questionando as fronteiras e categorias estabelecidas pela sociedade contemporânea, que tende a classificar e hierarquizar as espécies com base em critérios normativos e políticas discriminatórias.

ANTÓNIO JÚLIO DUARTE [Lisboa, 1965]

WHITE NOISE #11, Macau | 2011

Descrição: Impressão inkjet sobre alumínio | 100 x 100 cm | Ed. 3 + 2 AP PA

Valor de Aquisição: 7 805 €



WHITE NOISE #23, Macau | 2011

Descrição: Impressão inkjet sobre alumínio | 100 x 100 cm | Ed. 3 + 2 AP PA

Valor de Aquisição: 7 805 €



Fundamentação: Numa conjugação singular de simplicidade e complexidade, o trabalho de António Júlio Duarte destaca-se pela forma como explora os conceitos de espaço, identidade e transitoriedade. A sua profunda sensibilidade e empatia face aos objetos e à impermanência – a lembrar o mono-no-aware japonês –, transcende a mera captação de imagem e constrói narrativas implícitas em cada fotografia. Já estando representado na CACE, com uma fotografia da série “Canil”, a seleção destas duas fotografias em 2024 pretende dotar a Coleção de obras representativas de uma outra vertente do trabalho de António Júlio Duarte. Com uma paleta de cores cuidadosamente selecionada e uma composição meticulosa, destaca-se nestas fotografias a ausência deliberada de figuras humanas ou animais, o que intensifica a relação simbiótica entre o lugar e o tempo e sugere uma leitura para a qual concorrem simultaneamente o íntimo e o universal.

BELÉN URIEL [Madrid, 1974]

Borboleta (I) | 2021

Descrição: Vidro e metal | 140 x 65 x 70 cm

Valor de Aquisição: 13 380 €



Fundamentação: Recorrendo frequentemente a referências e formas herdeiras de um legado modernista, a prática de Belén Uriel tem vindo a operar de forma consistente uma reflexão sobre os objetos do quotidiano (móvel, vestuário, utensílios, etc.) na sua relação com o corpo e com os espaços que habitamos, e como esses objetos influenciam a forma como nos relacionamos com o que nos rodeia. Esta interação e negociação entre corpo, objeto, design e arquitetura têm também conduzido a artista a uma reflexão sobre as próprias práticas expositivas contemporâneas e, conseqüentemente, aos mecanismos de visibilidade e legitimação do seu trabalho. Centrando-se nas qualidades escultóricas do vidro, material com o qual tem trabalhado de forma consistente nos últimos anos, e de que a peça *Borboleta (I)* (2021) é um excelente exemplo, o seu trabalho mais recente tem procurado investigar as relações entre o corpo humano e os objetos que são criados para o proteger, suportar e envolver.

CARLA CABANAS [Lisboa, 1979]

***Álbum de Família* | 2022**

Descrição: Todas as fotografias de um álbum de família raspadas com um bisturi, resina Epoxy sobre placa Alucobond | 150 x 268 x 5,5 cm

Valor de Aquisição: 16 605 €



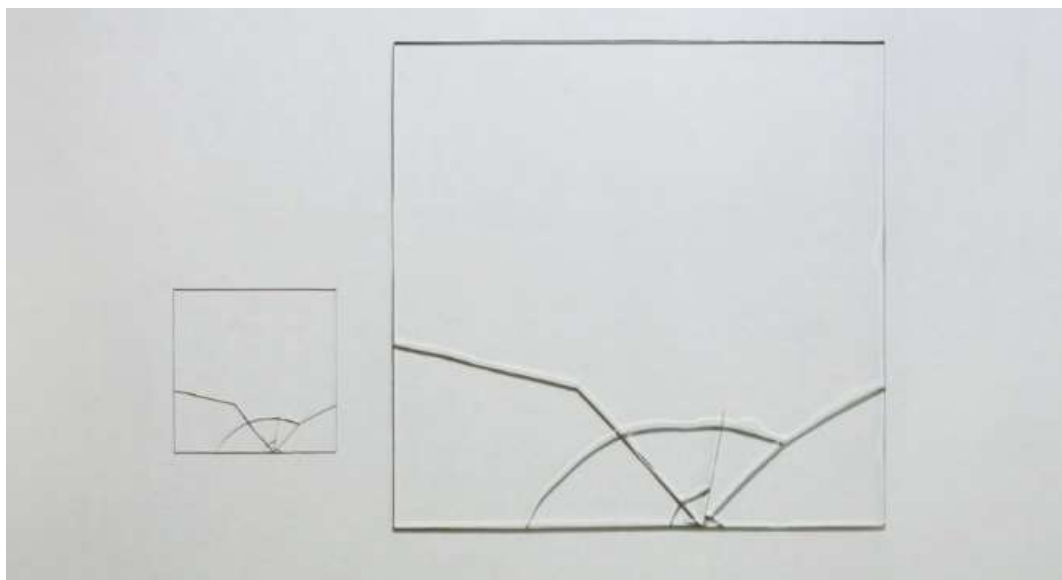
Fundamentação: A obra de Carla Cabanas desafia e expande as fronteiras e as possibilidades de leitura e apresentação do formato fotográfico, numa abordagem que reflete uma investigação sobre as dinâmicas da memória coletiva e cultural, abordando como estas se entrelaçam com a experiência individual. Com um trabalho que tantas vezes parte da intervenção, da rasura, da destruição ou da transformação do material fotográfico noutra forma, Carla Cabanas explora este médium como matéria moldável, em que a fragilidade do formato ganha novas possibilidades, enquanto reinterpreta as memórias íntimas, recordações ou símbolos das vidas de outros e do seu quotidiano abandonado. *Álbum de Família* (2022) é uma obra representativa das técnicas e temáticas que marcam o trabalho de Carla Cabanas, numa escultura em as fotografias de um álbum de família são raspadas e distribuídas por várias camadas de uma resina transparente. Neste processo, as imagens representativas da memória de uma família são fragmentadas em pequeníssimos pedaços que compõem uma espécie de galáxia que é pessoal e íntima, mas também cósmica e fantasmagórica, mostrando que a memória dos outros é, também, o princípio de alguma coisa que, em última análise, é impossível de conter e que se multiplica em significados e desfechos.

CARLOS MENSIL [Santo Tirso, 1988]

Estudo para sem título e sem título | 2020

Descrição: Aço inoxidável e pregos | 46,5 x 46,5 x 0,3 cm | 140 x 140 x 3 cm

Valor de Aquisição: 6 000 €



Fundamentação: Através de uma prática que tem explorado as interseções entre corpo, mecânica e tempo, Carlos Mensil propõe uma reflexão profunda entre o natural e o construído. A sua obra é marcada por um processo de exploração contínuo, onde formas abstratas e elementos mecânicos se encontram no espaço de forma dinâmica, onde o gesto da máquina se afina para uma ação exata. Os movimentos repetem-se com precisão, sem cansaço, mas que por vezes deixam um rasto que se acumula, preservando marcas da passagem do tempo e do desgaste.

DANIELA ÂNGELO [Almada, 1996]

Trompe L'oeil | 2024

Descrição: Impressão a jato de tinta s/ papel | 142 x 122 cm | Ed. 1/2 + 1 PA

Valor de Aquisição: 4 600 €



Fundamentação: *Trompe L'oeil* (2024) é uma fotografia da mais recente exposição de Daniela Ângelo, “Ovo Celeste”, representativa do trabalho que a artista tem vindo a desenvolver através da resignificação de objetos museológicos, atenta e deliberadamente escolhidos, e realçados – ou isolados – por uma cuidadosa utilização da luz e da composição, que cria uma atmosfera expressionista. Mas esta reinterpretação dos objetos não se limita à sua superfície estética, mergulhando nas camadas subjacentes de significados que estes contêm, criando imagens que provocam um diálogo entre o familiar e o estranho, e uma experiência visual e intelectual que nos desafia a repensar o que é afinal um objeto, uma coleção ou, até, a nossa memória.

DIANA POLICARPO [Lisboa, 1986]

***Liquid Transfers* | 2022**

Descrição: 3 canais vídeo HD, 5 canais áudio, 12'26" (loop), tapete de cor sálvia, filtro de luz verde | Dimensões variáveis | Ed. 1/2 + 2 EC

Valor de Aquisição: 16 000 €



Fundamentação: O trabalho de Diana Policarpo está ancorado numa prática interdisciplinar de pensamento sobre os mecanismos sociais e políticos do fazer artístico. A sua produção estética está imbuída de uma *praxis* que se foca sobre o modo de funcionamento das estruturas de poder das sociedades contemporâneas. No caso presente, a instalação vídeo *Liquid Transfers*, prossegue uma abordagem da natureza antropológica e económica de certas plantas, realizando analogias e estruturas relacionais com modelos de controle social e político. *Liquid Transfers* prossegue a mesma linha de pesquisa, iniciada em *Death Grip* (2019), em que segue o percurso especulativo da exploração do fungo *Cordyceps*, ou em *Nets of Hyphae* (2020) em que segue o rasto de outro fungo o Ergot ou Fogo de Santo António, presente frequentemente nos cereais, principalmente o centeio, conhecido pela sua história de misticismo e bruxaria. Nesta instalação, o fungo Ergot é analisado sob o ponto de vista da sua narrativa política e de predomínio militar. Evocando um caso de envenenamento coletivo ocorrido em 1951 em Pont-Saint-Espirit, em 1951, no sul de França, conhecido como “a maldição do pão”, e as teses depois sugeridas de ter sido uma experiência da CIA para estudo de métodos de controle do inimigo, a artista elabora uma narrativa especulativa em que são reveladas as dinâmicas de biopolítica, e a sua importância para a normatividade das sociedades contemporâneas. A relevância do tema, a complexidade da investigação e da sua abordagem, bem como a qualidade estética da obra, são elementos que justificam a sua aquisição.

DIOGO BOLOTA [Lisboa, 1988]

***Grand Battement* | 2024**

Descrição: Óleo, pastel de óleo e barra de óleo sobre tela | 198 x 289 cm

Valor de Aquisição: 6 000 €



Fundamentação: Enquadrando a sua prática entre o real e o virtual, o visível e o oculto, Diogo Bolota tem desenvolvido um percurso onde cria composições que desafiam a percepção e promovem a participação ativa do espectador. Existe um questionamento contínuo sobre a relação entre movimento, forma e espaço, utilizando na sua exposição mais recente “C’est quoi cette danse?” (2024), referências à dança como metáforas para a experiência estética e a construção de sentido. A pintura *Grand Battement* (2024), inserida nesta recente exposição, pertence a uma série que interroga os limites da representação, nomeadamente através de passos de ballet clássico, os quais Bolota utiliza como ponto de partida para explorar questões sobre o próprio ato de observar e interpretar a obra de arte. As formas orgânicas e abstratas que compõem esta peça remetem tanto para elementos do corpo humano como para objetos do quotidiano, criando uma ambiguidade intencional que convida o espectador a uma contemplação atenta e interrogativa.

Bolota articula o espaço expositivo de forma a cindir as percepções e multiplicar as possibilidades de leitura, integrando elementos que oscilam entre o familiar e o desconhecido. *Grand Battement* não procura ser uma tradução literal do movimento físico, mas antes evocar uma coreografia simbólica onde as questões de presença, tempo e materialidade se tornam centrais, transformando a pintura num palco para o devir visual e sensorial. Com percurso muito consistente desde 2014 e de relevância no panorama artístico nacional, reforça-se a sua representação na CACE com a pintura *Grand Battement*.

DIOGO EVANGELISTA [Lisboa, 1984]

***Ylem the Egg* | 2022**

Descrição: Vídeo HD, P/B, som, 8'11 | Ed. 1/3 + 1 PA

Valor de Aquisição: 6 900 €



***Zero #4* | 2023**

Descrição: Vidro acrílico dourado, tinta UV | 150 x 106 cm

Valor de Aquisição: 8 000 €



Fundamentação: Diogo Evangelista desenvolve uma prática multidisciplinar que cobre diferentes linguagens artísticas e suportes materiais – escultura, desenho, pintura, vídeo e instalação. A tecnologia, a ficção, a imaginação, a cosmologia e a ciência são os temas de eleição de um corpo de trabalho que vive muito da investigação de conceitos e da criação de ambientes. Já representado na Coleção do Estado com uma obra de escultura, esta proposta de aquisição visa reforçar a presença do seu trabalho com uma obra de parede e um vídeo.

Em *Zero #4* (2022), Diogo Evangelista investiga o valor simbólico e metafísico do ovo, como princípio e fim da vida; associando-o a uma forma gráfica, o círculo e, ao zero, o que está antes de todas as coisas.

Na peça vídeo, *Ylem the Egg* (2023), Diogo Evangelista, apresenta uma abordagem ficcional ao tema do nascimento, ao início da vida, com a presença de um ovo e de uma ave. Aludindo ao conceito de origem do universo através deste ovo, o artista apropria-se igualmente do nome *Ylem*, dado pelo laboratório científico e que significa a “matéria primordial” ou a figura de “ovo cósmico”, usado pelas mitologias ancestrais para representar o processo de formação do universo.

GONÇALO SENA [Lisboa, 1984]

***Chuva e suor* | 2022**

Descrição: bronze, cimento pigmentado, ferro, alumínio e rizografia sobre papel (edição aberta) | Dimensões variáveis (banco 45 × 43 × 230 cm; impressões 42 × 29,7 cm cada)

Valor de Aquisição: 10 600 €



Fundamentação: Licenciado pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa (2007), Gonçalo Sena completou o Mestrado em Belas Artes no Dutch Art Institute, em Arnhem (2011). Expõe regularmente a sua obra artística desde 2007 em instituições, *artist-run-spaces* e galerias e desenvolve simultaneamente outros projetos em áreas afins. É cofundador, coeditor e designer do coletivo editorial ATLAS Projectos (desde 2008), uma plataforma para experimentação e colaboração com artistas e autores. Foi também cofundador do espaço Parkour, em Lisboa (2012-2014).

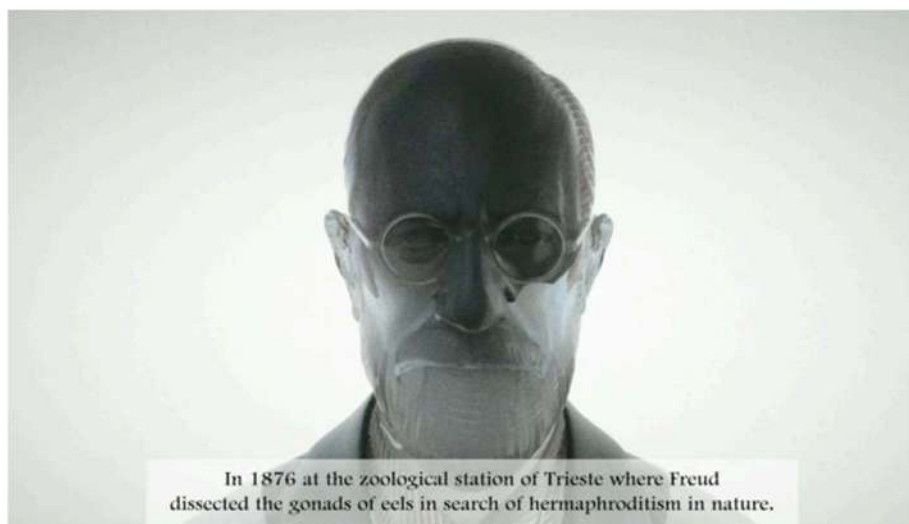
No domínio da escultura, a prática artística de Gonçalo Sena, tem-se caracterizado por uma forte experimentação visual e táctil, conceptual e poética sobre a nossa existência pautada por mutações rápidas, por vezes extremas. Na sua obra, comumente formada por instalações de diversos elementos, convergem tanto esculturas produzidas com materiais brutos e pesados de construção e estruturas de feição industrial, como elementos leves da paisagem natural. Expressando a fragilidade da matéria e a fugacidade do tempo, as suas instalações criam cenografias que convidam a estados de paragem, contemplação e atenção ao todo mas também aos fragmentos e às qualidades da matéria, por vezes ásperas, por vezes macias. Figurando como um banco-escultura, esta peça caracteriza-se ainda por incluir impressões produzidas a risografia que o público pode recolher, levar e colar na rua ou em casa, um aspeto que testemunha bem a dimensão performativa e gráfica da intervenção artística de Gonçalo Sena.

ISADORA NEVES MARQUES [Lisboa, 1984]

The Early Death of Sigmund Freud | 2021

Descrição: Vídeo, 4' 25" loop, color, no sound | Edição 1/3 + AP

Valor de Aquisição: 30 500 €



Fundamentação: Seja através da escrita, do filme ou da instalação, a obra de Isadora Neves Marques apresenta-se como um compromisso com a ficção especulativa enquanto ferramenta para lidar com questões atuais e urgentes que, para a artista, se materializam frequentemente em temáticas ligadas a direitos reprodutivos *queer*, as possibilidades e os limites do artificial e a definição do corpo humano. Neves Marques é fluente nos códigos da ficção científica, tanto as suas possibilidades críticas, como os seus pontos cegos, de um modo que lhe permite falar sobre afetos, biologia, reprodução, tecnologia e política de um ponto de vista tanto biográfico quanto ficcional. Em *The Early Death of Sigmund Freud* (2021), uma narrativa onde *nanobots* são enviados para o passado com o objetivo de eliminar Sigmund Freud antes de este ter tempo de desenvolver a psicanálise, a artista ensaia um mundo alternativo em que a construção do desejo e do desenvolvimento sexual e de género não foram sequestrados, normalizados e patologizados pelas ficções coloniais de um homem branco, heterossexual, europeu nos finais do século XIX.

INÊS BRITES [Porto, 1992]

***be extra careful with heartfires (winter)* | 2023**

Descrição: Parafina, pigmento, algodão | 380 x 29 x 10 cm

Valor de Aquisição: 3 350 €



Fundamentação: Inês Brites é uma jovem artista em fase de afirmação, que tem tido ampla projeção e reconhecimento no panorama nacional. Utiliza escultura, instalação e técnicas experimentais para explorar a vulnerabilidade e a conexão entre objetos e seres humanos. No seu trabalho encontramos objetos descartados que, através de gestos delicados e técnicas de manipulação de materiais, desafiam as concepções tradicionais de funcionalidade e utilidade, convidando-nos a reconsiderar a nossa relação com o mundo material e as implicações éticas e emocionais que envolvem essa interação.

A peça *be extra careful with heartfires (winter)* (2023), onde se apresentam toalhas que parecem proteger os rodapés de uma parede, cria uma narrativa sobre contenção e cuidado. No seu trabalho encontramos frequentemente a utilização de elementos aquáticos como metáfora, que parecem refletir sobre fluxos, correntes e irrigações em movimentos simbólicos entre orgânico - humano - inorgânico - não-humano. Esta capacidade de se animar o objeto desgastado transforma estas peças de Inês Brites em objetos de resistência ao descartável e ao inútil.

INÊS D'OREY [Porto, 1977]

***Beograd Concrete #20* | 2021**

Descrição: Impressão backlit em projetor de teatro Strand Electric dos anos 60 | Edição única | 30 x 30 cm (fotografia) / 34.5 x 30.6 x 44 cm (caixa de luz)

Valor de Aquisição: 3 000 €



Fundamentação: O trabalho de Inês d'Orey destaca-se pela forma como, através das suas fotografias, a artista explora e expõe as interseções entre arquitetura, memória e identidade. Numa abordagem meticulosa e poética, a cidade e os seus detalhes arquitetónicos, as suas estruturas e paisagens urbanas, são atravessadas por um olhar que não lhe limita a documentar, mas que revela a complexidade dos espaços habitados e suas histórias subjacentes. *Beograd Concrete #20* (2021) faz parte de um trabalho desenvolvido pela artista durante uma residência artística em Belgrado, sobre o impacto da arquitetura modernista e brutalista nesta cidade, e que exemplifica a sua capacidade mostrar os espaços urbanos transformados em narrativas ricas em visualidade, história e simbolismo.

JAIME WELSH [Lisboa, 1994]

Tullio | 2023

Descrição: Impressão a jato de tinta de arquivo sobre papel baryta, vidro AR/UV, moldura em cerejeira | 78 × 74 × 3 cm

Valor de Aquisição: 10 592,50 €



Fundamentação: A obra fotográfica de Jaime Welsh estrutura-se em torno de uma cenografia e uma encenação de situações, apoiadas sob um forte rigor formal de composição, influência certamente da sua formação como pintor. O realismo fotográfico é tão estruturalmente encenado que a sua relação com o real se torna artificial, conduzindo a uma ambivalência percecional entre representação e interpretação. No caso da presente obra, o artista recorre à evocação direta da pintura, no caso a tela de género histórico, *Túlia*, (1897) do pintor Columbano Bordalo Pinheiro, para construir uma metaficção. O carácter histórico da obra pictórica, o mito que evoca a parricida Túlia assassinando o seu pai, o sexto rei romano Sérvio Túlio e o facto desta obra de Columbano ter sido duplamente rejeitada, para a Exposição Universal de Paris em 1878 e para a bolsa de pensionato, conferem-lhe uma multiplicidade de significados que são o pano de fundo da imagem fotográfica.

A jovem figura masculina adquire, pela composição geométrica centralizada, pela postura corporal alheada do quadro e do espetador, uma intenção ficcional com o tema que o enquadra, erodindo as categorias entre pintura e fotografia. O artista realiza, assim, um questionamento sobre as ambivalências do poder de representação da fotografia, tema que continua a ser pertinente e que é apresentado com grande qualidade estética e técnica, justificando a sua aquisição.

JOANA DA CONCEIÇÃO [Santo Tirso, 1981]

***Matéria Doméstica Exótica* | 2017**

Descrição: Tinta acrílica sobre tela | 135 x 155 cm

Valor de Aquisição: 6 000 €



Fundamentação: Joana da formou-se na Faculdade de Belas Artes do Porto e vive e trabalha atualmente em Lisboa. O seu trabalho muito associado à dimensão instalativa e performativa da prática artística, associa-se a universos abstratos, cinéticos, psicadélicos. A sua pintura, elaborada com diagramas e feita de padrões geométricos e de muita cor, apresenta uma dinâmica vorticista e rítmica e traduz ambientes visuais marcados por grande gestualidade e plasticidade. *Matéria Doméstica Exótica*, de 2017, é uma tela que apresenta as características enunciadas, sendo a vários títulos um bom exemplo da sua prática pictórica, poderosamente visual e vibrante, que combina traços pós-pop e experiências óticas, apresentando-se com uma pintura sincrética, resultado do cruzamento de várias influências, das mais históricas, como a colagem ou a *pattern painting*, às mais atuais, em que se fazem notar as influências da visualidade e da cultura digital na prática pictórica. Simultaneamente, o trabalho de Joana Conceição, associa mundividências quer da pintura, quer da música, área artística a que se dedica igualmente. Juntamente com André Abel forma a Tropa Macaca, duo de composição eletrónica contemporânea. Desenvolve apresentações públicas do seu trabalho nesta área e tem concebido igualmente projetos gráficos para álbuns e posters de eventos musicais.

JOÃO MARIA GUSMÃO [Lisboa, 1979]

Janela | 2020

Descrição: Projeção, instalação de lanterna mágica. 4 projetores de slide 6x6 modificados, mecanismo, filtros de gelatina e vidro, fotolito. Automação controlada por sinal DMX, reóstato e gravador de DMX.

Valor de Aquisição: 46 000 €



Fundamentação: Após a longa colaboração com Pedro Paiva (que se estendeu de 2001 até 2018), João Maria Gusmão desenvolve hoje um trabalho a solo, que não está ainda representado na Coleção de Arte Contemporânea do Estado. Esta instalação intitulada “Janela”, foi concebida como prólogo para a exposição “Variations. Les Décors lumineux d’Eugène Frey” no Nouveau Musée National de Monaco (NMNM) Villa Paloma, no Mónaco, em 2020. Tem como referência a ideia de lanterna mágica, bem como a primeira ilustração do livro “The Analysis of Sensations” de Ernst Mach, datado de 1886, que num autorretrato combina um campo visual alargado a partes do corpo normalmente não contempladas na representação (por exemplo, o nariz e o sobrolho), para assim desvirtuar o fenómeno da visão imediata. Partindo dessa circunstância, de uma visão deslocada e iminentemente cerebral, João Maria Gusmão, recria um fenómeno paralelo partindo do contexto expositivo através de uma sequência de pictogramas evocativos de todas as outras obras expostas na mesma exposição. Como testemunha esta instalação, com recurso a diferentes suportes e *media*, o artista tem prosseguido a sua prática artística, partindo de reflexões de carácter estético, histórico e filosófico muito ancoradas numa abordagem expansiva e experimental à questão da imagem e da representação, que aqui se materializa numa interessante projeção de lanterna mágica de quatro canais.

JOÃO PAULO FELICIANO [Caldas da Rainha, 1963]

UM PAR DE PAIR.IES. | 2012

Descrição: 2 órgãos eletromagnéticos idênticos e espelho | 120 x 210 x 130 cm

Valor de Aquisição: 32 000 €



Fundamentação: João Paulo Feliciano tem uma trajetória artística que envolve várias linguagens e formas de expressão associadas às artes visuais e à música. Oscilando entre a múltiplas referências a estas áreas, o seu corpo de trabalho abrange instalação, escultura, pintura, desenho, fotografia, vídeo, luz, som, música, design gráfico, performance. Central no seu trabalho é igualmente a criação de jogos com fenómenos de perceção, pretexto para a investigação de questões diretamente ligadas quer ao ato de ver, representar e reproduzir. Nesse sentido, podemos considerar *UM PAR DE PAIR.IES.* (2012) uma obra representativa do seu percurso. A cumplicidade e as associações de origem plástica e musical estão presentes nesta sua intervenção, que nos conduz a questionar a visão, exercitando jogos de estranheza e duplicidade, entre realidade e teatralidade, original e cópia, imagem, reflexo. Subvertendo o sentido de normalidade, com ironia, transporta-nos para uma visão mágica do mundo, que nos dispõe para a observação e reflexão sobre a dimensão enigmática e ficcional da arte.

JOÃO TABARRA [Lisboa, 1966]

***Portugueses na Europa* | 1995**

Descrição: Fotografia a cores | 185 x 230 cm

Valor de Aquisição: 28 625 €



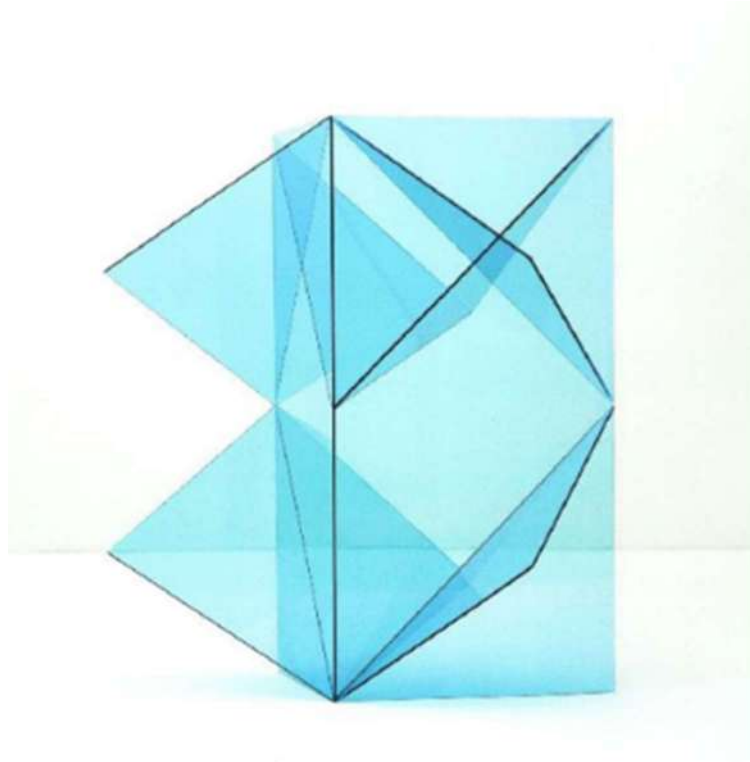
Fundamentação: João Tabarra é um artista que trabalha desde os anos 90 com recurso a fotografias, projeções de diapositivos e montagens vídeo. Tomando como ponto de partida determinadas referências históricas e circunstâncias da experiência individual e coletiva, João Tabarra traça um panorama de ambientes onde aflora a tematização das dimensões reais, ficcionais e utópicas do viver. Desde os seus primeiros trabalhos, o artista convoca os recursos da ficção e da autoficção para desenvolver registos próximos de uma contra-memória coletiva, sem, contudo, produzir uma desvinculação face ao real. Frequentemente, atribui igualmente um valor preponderante à escolha dos lugares e à inter-relação das personagens com o espaço que as rodeia. Por exemplo, como acontece nesta obra, *Portugueses na Europa* (1995), é através da presença do homem e herói comum que decorre a encenação e a sátira de imagens simbólicas e aspetos marcantes da história do Portugal antigo e do país moderno.

JORGE PINHEIRO [Coimbra, 1931]

***Madame Butterfly* | 1970/2010**

Descrição: Plexiglas | 100 x 85 x 58,5 cm

Valor de Aquisição: 45 800 €



Fundamentação: Jorge Pinheiro integrou o grupo *Quatro Vintes* (de que fazem parte Armando Alves, Ângelo de Sousa e José Rodrigues) e praticou a pintura e escultura abstrata em períodos das décadas de sessenta e setenta. Dessa etapa da sua produção fazem parte as peças de configuração recortada (“shaped canvas”) em que a exploração de sentido escultórico e a sensação de movimento ilusório atestam muito concretamente a influência da psicologia da forma (“gestalt”) e a sintonia com as realizações da Op Art. Esta obra escultórica realizada em plexiglas, proposta para aquisição, faz parte dessa série de trabalhos do artista com importância histórica e artística, que ao integrar a CACE, irá reforçar núcleo significativo da obra do artista na Coleção.

JORGE QUEIROZ [Lisboa, 1966]

Untitled | 2024

Descrição: Aquarela, pastel de óleo, guache, lápis de cor e lápis sobre papel | 147,7 x 163,1 cm

Valor de Aquisição: 28 000 €



Fundamentação: As pinturas de Jorge Queiroz convocam imagens e formas entre o onírico e o distorcido, com um vocabulário visual rico e uma utilização da cor intensa e contrastante. Os detalhes minuciosos acrescentam camadas de profundidade e textura às suas obras, numa composição que é, ao mesmo tempo, heterógena e inesperadamente una, realçando o carácter aberto e interpretativo do seu trabalho. Representado na CACE desde 2020, esta obra vem reforçar a presença de Jorge Queiroz na Coleção, com uma obra que se destaca pela fluidez visual e conceptual, sugerindo movimento e metamorfose, numa imagem capaz de criar um espaço onde o trânsito e a permanência coexistem.

JOSÉ LUÍS NETO [São, 1966]

Pure Emulsion #2 (Carlos Relvas) | 2015

Descrição: Prova em jato de tinta sobre papel de algodão | 164 x 127,5 cm

Valor de Aquisição: 7 500 €



Fundamentação: O trabalho fotográfico de José Luís Neto tem-se centrado na materialidade fotográfica como agente catalisador de questões formais. Neste sentido, apresenta uma abordagem inédita no panorama fotográfico português, ao adotar uma experimentação, diríamos, alquímica e arqueológica, sobre a matéria constituinte da imagem fotográfica. A sua metodologia não é a da representação de algo, antes a apresentação do que forma as imagens, seja o seu suporte ou a sua emulsão, incorporando nessa presentificação os efeitos da sua deterioração, erro ou acaso. Neste sentido, o seu trabalho é também uma reformulação de significado da fotografia, particularmente interessante quando recorre a imagens históricas, como é o caso desta obra. A simples menção ao nome de Carlos Relvas remete para a importância histórica da imagem, mas o que o fotógrafo nos revela é a matéria “pura da emulsão” que serviu de suporte a uma representação que não sobreviveu ao tempo. A partir daqui, desta abstração que teve como origem uma figuração, gera-se o poder semiótico da fotografia que, na obra de José Luís Neto, é basilar.

JULIANA JULIETA [Barcelos, 1994]

what you mean|2023

Descrição: Óleo sobre tela | 82 x 98 cm

Valor de Aquisição: 2 756 €



Fundamentação: Juliana Julieta trabalha no campo da pintura e do cinema experimental, desenvolvendo uma prática artística muito associada à exploração sensitiva e à experiência de fisicalidade orgânica dos processos e das matérias. As figuras, as cores, as suas texturas afirmam-se em composições que traduzem espontaneidade e autenticidade, experiências e momentos de vida, retratos, autorretratos e autoficções, que são muitas vezes o seu ponto de partida para a criação sensorial e táctil de imagens. Esta tela de Juliana Julieta, *Spillovers (01)*, mostra-nos duas personagens femininas jogando. Aqui, mais uma vez, vemos a artista pelo quotidiano que se nos apresenta, assim, feliz como a pintura que o traduz. Uma pintura que pinta o próprio prazer de pintar.

LUÍSA JACINTO [Lisboa, 1984]

Sede | 2022

Descrição: Tinta spray sobre poliéster, frente e verso, aço inox | 257 × 327 cm

Valor de Aquisição: 9 477,50 €



Fundamentação: A prática artística de Luísa Jacinto é permeada por uma ideia de fluidez e de leveza, que são condições e qualidades dos seres e da matéria. Central na experiência de contacto com a sua obra é também a ideia de passagem e a consciencialização permanente para um estado de mutabilidade e mobilidade. Para esse resultado, torna-se central a exploração das capacidades cenográficas das suas instalações e a associação e contínua adaptação ao espaço físico e arquitetónico, que passa por espacializar, expandir e por vezes suspender o seu trabalho nas salas de exposição. Seja em obras de configuração mais pictórica ou escultórica, a partir das suas instalações, sempre muito marcadas pela investigação que efetua através da linguagem da abstração, e por materiais de aparência fina e frágil, desdobram-se efeitos de transparência e permeabilidade, relações entre o frente e o verso, a mestiçagem das cores e da luz, qualidades que aliam os materiais a poéticas, sensoriais e visuais, que os transcendem.

MAJA ESCHER [Santiago do Cacém, 1990]

Restituição do caudal ecológico do Rio Mira já | 2021/2023

Descrição: Canas, cerâmica e pigmentos

Valor de Aquisição: 4 460 €



Fundamentação: Licenciada em escultura e com formação em arte multimédia e cerâmica, Maja Escher, estudou em Lisboa, mas também em Londres e na Alemanha, e trabalhou em Cabo Verde e no Brasil. Desenvolve uma prática artística muito ancorada no trabalho manual e em contacto com materiais naturais e as forças naturais. A água, a chuva, os rios são muito referenciados na sua arte, assim como é comum o uso de canas, ferragens de cerâmica, barros, materiais compostáveis, o uso de pigmentos naturais e objetos encontrados na realização das suas instalações. É também usual que o seu trabalho resulte de dinâmicas de trabalho colaborativo e de campo, em residências e projetos de investigação desenvolvidos em torno de saberes ancestrais e da cultura popular.

Restituição do caudal do Rio Mira Já (2021-2023), proposta para aquisição, caracteriza bem a sua prática artística e os temas e preocupações que norteiam o seu trabalho: a ecologia, a sustentabilidade, a interconetividade e interdependência entre espécies, entre outros. Esta obra pertence a uma série de trabalhos em que a artista investiga a complexa teia de relações entre as dimensões ecológicas, económicas e sociais associadas ao território e à paisagem natural e humana da bacia hidrográfica do rio Mira, situada na sua região natal, o sudoeste alentejano. Iniciado a partir de uma residência artística, “How to make it Rain (in 5 steps)”, realizada no Verão de 2021, na Worliding em Londres, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, derivou também na organização dos “Encontros pela Água” e projetos relacionados com o Rio Mira, nomeadamente derivados da preocupação com os métodos de irrigação usados na agricultura intensiva e estufas no litoral alentejano, que colocam em risco o fluxo do caudal do rio e restringem o acesso aos pequenos agricultores.

MARIA JOSÉ CAVACO [Ponta Delgada, 1967 - 2022]

***Are We a Pair (oxide black)* | 2010**

***As minhas casas voadoras #8* | 2001**

A prática de Maria José Cavaco, fundamentalmente autorreflexiva, é atravessada por uma pesquisa crítica em torno de um conjunto de temáticas que podem ser melhor entendidas a partir da tentativa de recentramento formal e conceptual do objeto artístico: a pintura como objeto que existe no espaço, ao invés de um simples espaço de representação pictórica, como no caso da pintura *As Minhas Casas Voadoras #8* (2002), a reflexão sobre a possibilidade e construção das significações que associamos aos objetos e o entendimento da memória como um espaço afetivo que existe antes e para além do verbal, como no caso da obra *Are We a Pair?* (2009), obra da artista também proposta para aquisição.

***Are We a Pair (oxide black)* | 2010**

Descrição: Óleo sobre tela | 329 x 180 cm

Valor de Aquisição: 9 280 €



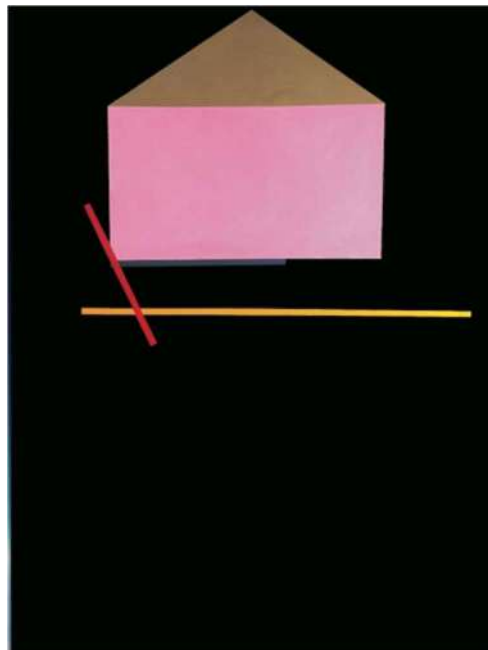
Fundamentação: O trabalho de Maria José Cavaco destaca-se pela sua experimentação e coerência conceptual, através de processos de trabalho aprofundados que cruzam o desenho, a pintura e a instalação. A obra que deixou já é, contudo, escassa, tornando a sua aquisição premente para que pudesse estar condignamente representada na Coleção do Estado. Este díptico constitui um dos eixos estruturantes do trabalho pictórico da artista, em que o espaço

envolvente surge como um suporte adicional à observação da obra. Neste caso, a parede em que as obras são montadas é, portanto, mais um elemento da sua conceção. Para além deste aspeto, a representação figurativa contém uma função quase arquitetónica, a sua origem histórica como cariátides ou figuras de convite parece estar implícita. Mas outro significado revela-se, pelo modo como a postura e projeção do olhar das figuras competem com a noção do retângulo do quadro. A questão *Are We a Pair?* toma então um sentido irónico, desafiante, sobre a ideia de semelhante, múltiplo ou espelho, afirmando a pintura como um lugar de mutação e processo.

As minhas casas voadoras #8 | 2001

Descrição: Esmalte aquoso e esmalte brilhante sobre tela | 200 x 150 cm

Valor de Aquisição: 6 900 €

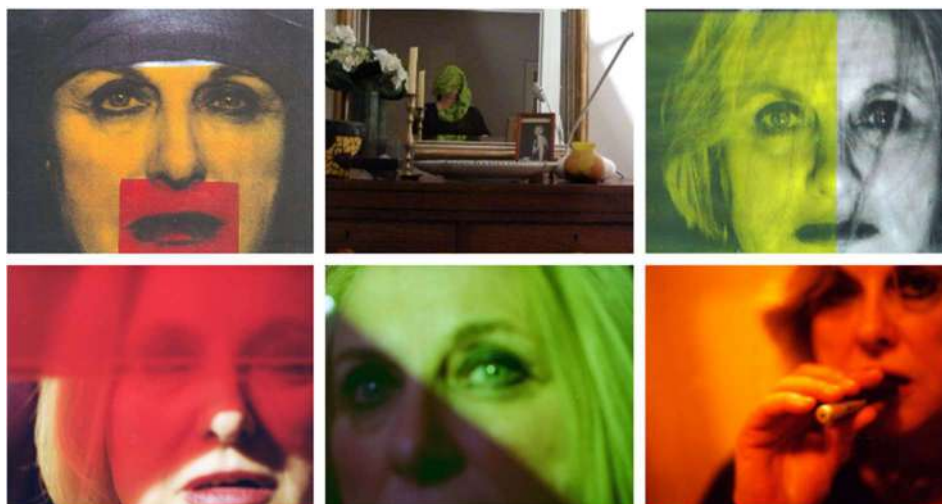


Fundamentação: A série *As minhas casas voadoras*, constitui um dos temas mais relevantes do recente trabalho de Maria José Cavaco. Corresponde a uma inquietação da artista, presente noutras séries de trabalhos, sobre os limites bidimensionais da pintura e da sua perceção. A casa sugere, desde logo, uma ideia tridimensional, arquitetónica e fundacional, que a representação plástica coloca numa relação espacial vazia de referentes, colocando-as num estado de suspensão perceptivo. A antítese entre significado e referente marca esta série de trabalhos, criando uma possibilidade onírica, uma divagação poética, ou um jogo entre representação e materialização; as possibilidades são infinitas.

MARIA JOSÉ PALLA [1944]

50 POLAROIDS / Anos 70 e 80

Valor de Aquisição: 8 000 €



Fundamentação: O trabalho fotográfico de Maria José Palla, tem sido baseado na autorrepresentação, explorando um variado leque de soluções formais, conceptuais e técnicas. Associando quase sempre o elemento tempo às suas séries fotográficas, essa autorrepresentação adquire uma maior densidade psicológica e existencial. Não se trata de utilizar a câmara fotográfica como um cristalizador do presente, ou uma evocação nostálgica do passado, antes explorar o seu potencial ilusório, a sua capacidade de manipulação ou até fantasmagórica. A fotografia é utilizada como um retrato reprodutível e transformador da artista, e não como um retrato do tempo decorrido da sua vida, o que confere aspetos singulares à sua ideia de autorrepresentação. É o caso da série de polaroids agora adquirida, em que estas questões estão presentes e são ainda amplificadas pelo carácter evanescente da técnica das imagens, em que não existe uma matriz de reprodução, sendo cada imagem única, frágil na sua materialidade, sujeita a muitas alterações química e físicas, expandindo assim a sua natureza de suporte para uma alegoria de transmutação da artista. A coerência, qualidade formal e conceptual, bem como a originalidade na fotografia portuguesa de algumas das questões que aborda, são razões para esta aquisição.

MARIANA CALÓ & FRANCISCO QUEIMADELA [Viana do Castelo, 1984 / Coimbra, 1985]

***Sala da Memória para Corpo Radial* | 2020**

Descrição: Estrutura tridimensional em madeira e painéis de seda pintados à mão 343 x 343 x 295 cm; Conjunto de 10 pinturas a guache sobre papel e serigrafas com diferentes dimensões (entre 30 x 40 cm a 56 x 70cm)

Valor de Aquisição: 19 610 €



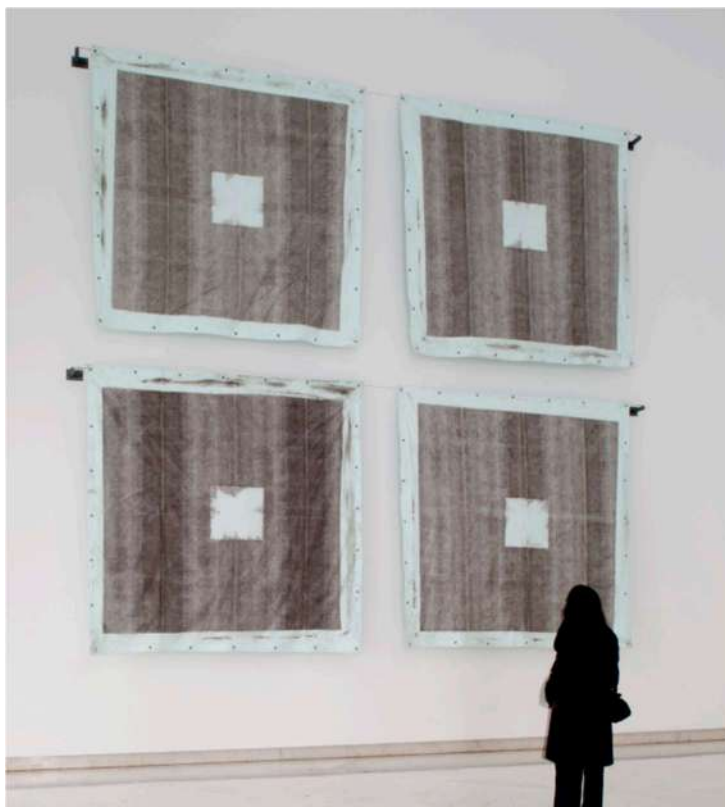
Fundamentação: A prática da dupla Mariana Caló e Francisco Queimadela tem vindo a ser desenvolvida através do uso privilegiado da imagem em movimento, seja através da realização de filmes, seja através da sua interseção com ambientes de natureza instalativa e *site-specific*, em conjugação com desenho, pintura, fotografia ou escultura. O interesse pelo diálogo entre o biológico, o vernacular e o cultural têm sido elementos recorrentes no seu trabalho. A peça *Sala da Memória para Corpo Radial* (2020) inspira-se nas gravuras dos “Teatros de Memória” de Giulio Camillo Delminio (1480-1544) e de Robert Fludd (1574–1637) para apresentar uma estrutura física que corresponda, mediante a sua utilização, à arte da memória, conhecida desde a Grécia Antiga pela técnica de criação de imagens mentais, associando coisas a lugares dispostos ao longo de um edifício recriado ou imaginado mentalmente.

MIGUEL PALMA [Lisboa, 1964]

***Air Print* | 2012**

Descrição: Feltro sintético | 250 x 250 cm

Valor de Aquisição: 19 080 €



Fundamentação: A obra de Miguel Palma tem incidido sobre diferentes experiências e perspectivas relacionadas com a passagem do tempo e a dimensão processual da atividade artística. Os trabalhos desta série, *Air Print* (2012), propostos para aquisição, são no que diz respeito a essa prática de inscrição da temporalidade nas obras, bastante esclarecedora. *Air Print* consiste numa instalação formada por feltros sintéticos, dispostos como superfícies pictóricas que vem aludir a questões relativas ao ambiente, e às noções de memória e de preservação patrimonial.

NUNO NUNES-FERREIRA [Lisboa, 1976]

***O povo unido jamais será vencido* | 2017**

Descrição: Autocolantes políticos originais posteriores a 25 de abril de 1974, fixados em cinco espelhos com moldura de metal preta | 190 x 400 cm

Valor de Aquisição: 16 725 €



Fundamentação: Com uma prática interdisciplinar que abrange instalação, escultura, e colagem, a obra de Nuno Nunes-Ferreira tem criado narrativas visuais que interrogam o papel dos objetos quotidianos e o seu papel como depósitos de uma memória que é pessoal, política e cultural. Com uma abordagem crítica e meticulosa à memória coletiva e ao impacto dos acontecimentos históricos na sociedade contemporânea, Nunes-Ferreira destaca-se por uma particular sensibilidade ao tempo e à materialidade, especialmente visível nos seus trabalhos de recolha e acumulação minuciosa de documentos e objetos, de que *O povo unido jamais será vencido* (2017), é exemplo. Nesta obra, composta por autocolantes políticos originais posteriores a 25 de abril de 1974, cada elemento escolhido detém um significado particular que dialoga com uma narrativa crítica sobre a presença da política nas vidas dos indivíduos e sobre as dinâmicas de poder e esquecimento na construção da memória. No ano em que se assinalam os cinquenta anos da Revolução do 25 de abril de 1974, esta aquisição vem reforçar a representação de um artista cujo trabalho explora, de forma tão consequente, a experiência dos cinquenta anos de democracia.

ODETE [Porto, 1995]

***Bed Sheets* | 2023**

Descrição: Impressão sobre têxtil com bordados tingidos com chá preto | 100 x 2000 cm

Valor de Aquisição: 3 000 €



Fundamentação: A prática transdisciplinar de Odete, que inclui escrita, música, performance e artes visuais, tem vindo a explorar noções de pertença, narrativas transgénero e formas de tornar visível a tristeza, a fragilidade e a “falha” enquanto potências políticas. A sua prática de DJing, por exemplo, pretende criar uma espécie de micro-arquivo da comunidade LGBT ao longo da história. Recorre a samples de drag queens a falar, títulos que remetam para símbolos e experiências enquanto rapariga trans, melodias de lira, sons de polícias e todos os sons que permitam compor uma paisagem sonora do que é uma identidade LGBT trans-histórica. A sua obra *Bed Sheets* (2023), um têxtil de longas dimensões apresentado na sua primeira exposição individual, na Galeria da Boavista em Lisboa, tece uma narrativa histórica, simultaneamente crítica e fantástica, onde se podem encontrar as faces e os corpos que sempre escaparam ao discurso inerente aos processos normativos e exclusionários.

PAULO MENDES [Lisboa, 1966]

***S – Não discutimos Deus e a virtude;
não discutimos a Pátria e a sua História;
não discutimos a autoridade e o seu prestígio;
não discutimos a família e a sua moral;
não discutimos a glória do trabalho e o dever de trabalhar. | 2007***

Descrição: Acrílico e impressão sobre tela | 266 x 400 cm



S – A unidade moral e religiosa, infelizmente, não existe em parte alguma, mas cada nação possui ainda uma reserva de sentimentos cuja nobreza deveríamos exaltar para não a deixar perder-se. A elite que detém esses sentimentos diminuirá cada vez mais na loucura do nosso tempo, em que a sede dos prazeres materiais e a dissolução dos costumes corromperam a riqueza e as suas fontes, o trabalho e as suas aplicações, a família e o seu valor social. | 2007

Descrição: Acrílico e impressão sobre tela | 200 x 300 c



Proposta de Doação: *O Senhor S e a Epopeia Moderna* | 2015

Descrição: DVD loop_cor / dois vídeos instalados em dois monitores Hantarex, sobre uma palete industrial de madeira



Valor de Aquisição: 46 000 €

Fundamentação: O trabalho artístico e curatorial de Paulo Mendes pauta-se por uma coerente ancoragem na história política das ideias. Os temas sociais, económicos e políticos têm sido objeto de uma apurada investigação e de um fazer arquivístico, além de convocar sempre outras áreas de conhecimento e parceiros de reflexão, fazendo da sua obra uma das mais relevantes na história da arte e da cultura portuguesas. Nos últimos anos, tem desenvolvido um projeto de *mixed media* e instalação singular, *S de Saudade*, sobre o regime do Estado Novo, através de narrativas visuais e criação de alter egos que convocam a memória do fascismo e a sua repercussão histórica na sociedade portuguesa. As duas pinturas e o vídeo agora propostos para aquisição apresentam-se como que uma síntese desta complexa instalação, mas simbolizam também o trabalho de permanente construção da memória deste período da recente história portuguesa. *S de Saudade* é, na verdade, um projeto de reflexão coletiva sobre as raízes da nossa realidade política, sendo fundamental para uma prática crítica da arte. A sua aquisição justifica-se pela qualidade do pensamento artístico e político, e pelo questionamento do arquivo enquanto prática de condicionamento da história.

PEDRO POUSADA [Lisboa, 1970]

***Epistemologias da dor* | 2022**

Descrição: Acrílico e tinta-da-china sobre papel | Políptico: 10 x (84 x 59,5 cm)

Valor de Aquisição: 15 000 €



Fundamentação: Pedro Pousada iniciou a sua atividade artística nos anos 90. É artista visual e também professor da Universidade de Coimbra, na área do Desenho e no Doutoramento em Arte Contemporânea do Colégio das Artes. Foi membro da direção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), entre 2012 e 2015. Esta série de pinturas de Pedro Pousada, *Epistemologias da dor* (2022), representa bem as qualidades características do seu trabalho. Na confluência do desenho e da pintura, este políptico, apresenta-se como possibilidade de uma narrativa multidirecional que se expande e se contrai no desdobrar das formas nos corpos e para além destes. A sequência de imagens sugere a possibilidade de ser potencialmente aleatória, provavelmente não traduzirá uma sequência temporal como não o será a simultaneidade das memórias de um corpo.

RENÉ TAVARES [São Tomé e Príncipe, 1983]

Novo estilo de vida no quintal da antiga roça | 2024

Descrição: Técnica mista sobre tela | 169 x 169 cm

Valor de Aquisição: 11 000 €



The Big Discovery | 2024

Descrição: Técnica mista sobre tela | 152 x 199 cm

Valor de Aquisição: 14 391 €



Fundamentação: O trabalho de René Tavares desdobra-se por diferentes meios artísticos, a pintura, o desenho, a fotografia e a instalação. Na sua produção artística, são também comuns os projetos alargados e as séries que se desenvolvem no tempo e que são fruto de investigações desencadeadas pelo artista em arquivos, com base em acervos de fotografia, ou no campo literário. A diáspora africana, o colonialismo, as questões históricas e sociopolíticas, a migração e as formas de miscigenação vividas pelas populações de diferentes países africanos, o património, a memória e a herança cultural são temas muito comuns da sua prática artística. As pinturas propostas para aquisição, *Novo estilo de vida no quintal da antiga roça* (2024) e *The Big Discovery* (2024), traduzem bem a qualidade da sua pintura e muitas das preocupações do artista santomense. Nelas, apresentam-se retratos familiares, que cruzam referências a um passado, de raízes e tradições, mas também a um presente projetado no futuro, que se consolida no desejo de recuperar a memória coletiva de um povo.

RITA BARROS [Nova Iorque, 1980]

***The Last Cigarette* | 2004**

Descrição: Archival inkjet prints | Série de 12 imagens | 20 x 25 cm (cada)

Valor de Aquisição: 15 000 €



Fundamentação: O trabalho de Rita Barros está ancorado na autorrepresentação e nas possibilidades da criação de alter-egos, sendo uma das artistas portuguesas com um trabalho mais relevante na área da fotografia. Nesta série narrativa de uma ação concreta, fumar um cigarro, a artista encarna todo um imaginário que rompe com o gesto banal, que o título corrobora como *The Last Cigarette*. O descritivo da ação, que a série de imagens representa com detalhe e uma perceção de duração, intensificam o significado do título, *The Last*, ele próprio conotado com uma ideia de tempo arrastado, saboreado. As alusões cinematográficas e literárias deste gesto específico estão subjacentes, na representação enfática com que a artista desempenha a sua performance, sem olhar a câmara, absorta no gesto e no tempo do mesmo. Neste trabalho, o tempo existencial é colocado em campo de modo eloquente, através de um domínio do tempo fotográfico e das suas possibilidades narrativas.

RODRIGO OLIVEIRA [Sintra, 1978]

#1 Primeiro estranha-se, depois entranha-se | 2023

Descrição: Desenho a esferográfica sobre papel fabriano montado em perfil alumínio preto 0,8 x 3cm, caixa em pvc preto, colagem em lux bond, bastidor, acrílico 3mm | 274 x 59 cm



#2 Primeiro estranha-se, depois entranha-se | 2023 (Slogan, 2017-2023)

Descrição: Vídeo 3:4, 2`05``Loop, cor e som | Edição de 3+1 PA

Valor de Aquisição: 26 670 €



Fundamentação: Com um trabalho multidisciplinar, Rodrigo Oliveira, trabalha com variados suportes e linguagens artísticas, com predomínio da escultura e instalação. Embora sejam as suas práticas artísticas mais predominantes, o artista tem desenvolvido trabalhos em outras formas materiais, como sejam a pintura, o desenho ou a projeção vídeo, como ocorre nestes trabalhos propostos para integrar a CACE. Pertencentes à série *Primeiro estranha-se, depois entranha-se*, cujo título referencia o slogan icónico criado por Fernando Pessoa para uma agência publicitária que visava introduzir a Coca-Cola em Portugal, durante a ditadura salazarista, Rodrigo Oliveira retoma nestes trabalhos referências maiores da cultura modernista portuguesa. Fernando Pessoa mas também Almada Negreiros. Com efeito, a partir do retrato de *Retrato de Fernando Pessoa* executado por Almada Negreiros em 1954, para o restaurante

Irmãos Unidos, onde se reuniam Almada e outros nomes ligados à revista modernista “Orpheu”, trabalha as ideias de espelho, desdobramento, já que esta pintura referenciava um outro retrato do poeta dos heterónimos realizado em 1935 por Almada., Com um forte cromatismo, característico dos trabalhos de Rodrigo Oliveira, nestes trabalhos estão igualmente presentes outras características dos seu trabalho, os padrões, a geometrização, espaços e arquiteturas, mas também as ideias de ideias e métodos de repetição, serialização e coleção. Estas duas obras foram expostas em 2023, na Galeria Diferença, situada num prédio onde Almada Negreiros viveu.

SARA MEALHA [Lisboa, 1995]

***F, n* | 2023**

Descrição: Óleo sobre pano cru | 141x241 cm

Valor de Aquisição: 3 000 €



Fundamentação: Sara Mealha concluiu a Licenciatura em Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, em 2017, e desde essa altura, expõe com regularidade em exposições coletivas e individuais. Dedicando-se à pintura, escultura, instalação, fotografia e ao desenho, nos trabalhos desta série de pinturas, a artista explora conjuntamente práticas plásticas presentes em diversos momentos do seu trabalho: desenhos a óleo, desenho de letras, cartoon, estudos cromáticos, usando como suporte o pano cru, e não já o papel, o que lhe permitiu trabalhar em formatos maiores. Fazendo uso de letras, da cor e de diferentes formas gráficas, nas obras desta série, a artista apresenta-nos composições de grande plasticidade e que se caracterizam por jogos lúdicos entres formas e também pelo singular método de exposição ou afixação da superfície do suporte à parede, esticando informalmente o pano com fragmentos de fita autocolante, como é comum fazer-se no atelier/espacos de trabalho.

SARA & ANDRÉ

O Colecionador de Belas Artes | 2021-2022

O Colecionador de Belas Artes (Coleção João Esteves de Oliveira) #10

O Colecionador de Belas Artes (Coleção Manuel de Brito - Arlete Alves da Silva) #16

O Colecionador de Belas Artes (Coleção Fundação Carmona e Costa) #25

Descrição: Esmalte, óleo, grafite, tinta-da-china, tinta pigmentada, aguarela, lápis de cor, esferográfica, marcador a base de água e marcador a base de álcool sobre plutex

Valor de Aquisição: 15 000 €



O Colecionador #10



O Colecionador #16



O Colecionador #25

Fundamentação: Sara & André, dupla artística ativa desde 2006, tem desenvolvido uma prática marcada pela colaboração, apropriação e reflexão sobre a própria noção de arte e de autoria. Amplamente reconhecidos no panorama artístico nacional, o seu trabalho propõe frequentemente um diálogo irónico e crítico sobre os mecanismos de legitimação e circulação de obras de arte, explorando as relações entre o artista, o colecionador e as instituições. A série *O Colecionador de Belas Artes*, da qual foram propostas três obras para aquisição, é composta por 27 pinturas que reúnem retratos de reconhecidos colecionadores de arte em Portugal. Cada obra representa um colecionador e parte da sua coleção, destacando o papel destes agentes no desenvolvimento e preservação do património artístico contemporâneo. *O Colecionador de Belas Artes (Coleção João Esteves de Oliveira) #10*; *O Colecionador de Belas Artes (Coleção Manuel de Brito - Arlete Alves da Silva) #16*; e *O Colecionador de Belas Artes (Coleção Fundação Carmona e Costa) #25* são as obras selecionadas para integrar a CACE, reafirmando o interesse da dupla em evidenciar as dinâmicas do meio artístico nacional.

Estas pinturas, realizadas a esmalte, óleo, grafite, tinta-da-china, tinta pigmentada, aguarela, lápis de cor, esferográfica, marcador à base de água e marcador à base de álcool sobre plutex, destacam-se pela sobriedade visual e pela repetição de um modelo estético que aproxima o retrato de um documento institucional. No entanto, através de uma representação estilizada e quase minimalista, Sara & André não só identificam cada coleção, mas também questionam os mecanismos de poder e influência no campo das artes visuais. Ao documentarem estes colecionadores, os artistas convidam o espectador a refletir sobre o estatuto da obra de arte, a sua circulação e os bastidores das coleções.

SEBASTIÃO RESENDE [Oliveira de Azeméis, 1954]

Sem título Tranquilo | 1991-1992

Descrição: Fibra de vidro, areia doce, conchas esmagadas, pigmentos secos | 70 x 411 x 108 cm

Valor de Aquisição: 22 000 €



Fundamentação: A prática artística de Sebastião Resende desenvolve-se fundamentalmente em torno da escultura e da instalação, destacando-se a construção de objetos e formas que apresentam uma síntese entre os valores do figurativo e do abstrato. Esta obra, proposta para aquisição pertence a um projeto de trabalho iniciado há alguns anos, centrado na procura de um equilíbrio e de um fazer inspirado na ideia de tranquilidade. Concebida em fibra de vidro, este material constitui sem dúvida o maior sinal de identidade na criação escultórica de Sebastião Resende. Com uma prática que é tanto conceptual quanto materialmente expressiva, os trabalhos de Sebastião Resende desafiam as noções tradicionais de escultura e instalação, e as fronteiras entre o artificial e o orgânico, na construção de formas biomórficas que impõem uma reflexão sobre a criação natural, a impermanência e a transformação dos materiais.

SÓNIA ALMEIDA [Lisboa, 1978]

Racket | 2023

Descrição: Tecidos Jacquard, algodão, lã e poliéster com dois livros | Dimensões variáveis

Valor de Aquisição: 23 000 €



Fundamentação: Sónia Almeida estudou pintura em Portugal mas fez grande parte do seu percurso artístico fora de Portugal. Primeiro nos Países Baixos, depois no Reino Unido e, finalmente, nos Estados Unidos. Hoje vive em Boston. Em Portugal, realizou a sua primeira retrospectiva na Culturgest, apresentando obras realizadas nos últimos 15 anos.

Já representada na CACE, Sónia Almeida desenvolveu inúmeras investigações em torno da desconstrução do objeto pictórico e tem-se destacado por uma prática de pintura que se caracteriza pela forte experimentação dos materiais, instalação e suspensão das suas obras. Por vezes torna a estrutura da tela móvel, fugindo a uma moldura e a um só plano, promovendo o seu desdobramento; em outras intervenções, explora a noção de flexibilidade e plasticidade da estrutura rígida e estática do suporte pictórico, jogando com a leveza e a liberdade da sua suspensão no espaço arquitetónico. Usando diferentes formatos e materiais, tecidos, de lã e poliéster, as suas mais recentes composições, como as da instalação *Racket* (2023), compõe-se de variados elementos, estando patente a profusão de símbolos, motivos e padrões, tendencialmente abstratos, bem como a forte presença da cor. Em algumas superfícies, desenham-se elementos figurativos, como a raquete de ténis, desenhada com apontamentos muito gráficos sobre fundos ramificados, envoltos em janelas, molduras e interfaces ilusórios, que deixam reconhecer a produção digital de imagens como referencial maior da sua prática experimental de pintura.

TÚLIA SALDANHA [Peredo, Macedo de Cavaleiros, 26 de agosto de 1930 – Trás-os-Montes, 30 de abril de 1988]

Fato GICAP (*Grupo de Intervenção do Círculo de Artes plásticas de Coimbra*) | 2023

Valor de Aquisição: 25 000 €



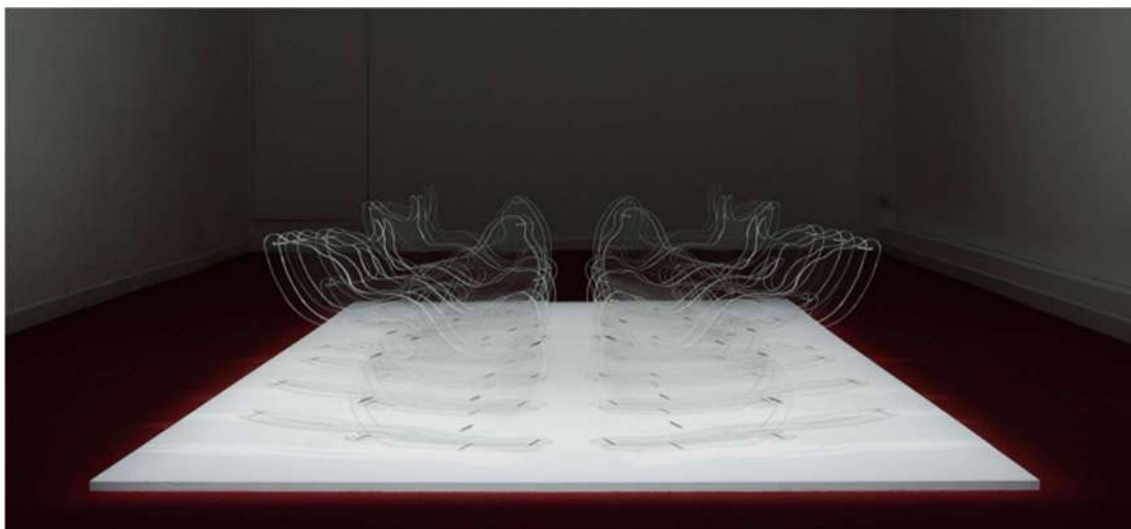
Fundamentação: Este fato de Túlía Saldanha é uma das raras relíquias das ações do Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (Armando Azevedo, António Barros, Alfredo Pinheiro Marques, Ção Pestana, Rui Órfão, Teresa Loff, Túlía Saldanha). Foi na Semana de Arte na Rua em 1976 que os membros deste grupo saíram com trajes similares, vestindo-se de pintura, da sua pintura, tornando o que foi trabalho de ateliê numa ação performática de rua. Assim se fundou este grupo mais tarde conhecido também como Grupo Cores, pelas performances em que cada um defendia obsessivamente uma cor, como as que apresentaram na “Alternativa Zero” no ano seguinte.

VERA MOTA [Porto, 1982]

***Sensação Fantasma* | 2023**

Descrição: Vidro acrílico e latão cromado | 70 x 200 x 370 cm

Valor de Aquisição: 22 300 €



Fundamentação: Com um percurso de grande relevância no panorama artístico nacional e internacional, Vera Mota mantém consistentemente a sua prática sobretudo através da escultura, desenho e performance, usufruindo da amplitude e permeabilidade que estas disciplinas oferecem. Com apresentações públicas regulares desde 2005, o seu trabalho convoca uma forte componente material, num processo em que o seu corpo se afirma muitas vezes como agente indispensável.

A proposta de reforçar a Coleção de Arte Contemporânea do Estado com a obra *Sensação Fantasma*, tem por objetivo inserir a sua prática num contexto mais amplo de investigação sobre a perceção do corpo e a sua materialidade. A peça apresentada em 2023 no Sismógrafo, Porto, evoca a experiência do “membro fantasma”, uma condição em que indivíduos que perderam partes do corpo sentem a presença da parte ausente. A utilização desta metáfora permite explorar a desconexão e a dormência que a sociedade contemporânea impõe às nossas perceções corporais, especialmente num mundo dominado pela virtualidade e pela abstração das relações. A diversidade de materiais como mármore, ferro, bronze, tecidos, couro, vidro, papel e o carácter instalativo das suas peças sugerem a presença/ausência do corpo no espaço, onde se encontram gestos, rastros, sombras, pesos e movimentos, criando uma atmosfera de permanência e fragilidade.

SÍNTESE — Obras: 51 | Artistas: 44 (com duas duplas) | Homens: 23 | Mulheres: 21

A Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea 2023/2024

Sandra Vieira Jürgens (Curadora da CACE e coordenadora da CAAC)

David Teles Pereira (Representante da Ministra da Cultura)

Emília Tavares (Representante da Secretária de Estado da Cultura)

António Olaio

Fernanda Fragateiro

Luís Silva

Luísa Abreu

Miguel von Hafe Pérez